

COMO
LIDAR COM
A TEIMOSIA
DE SEU FILHO

**JAMES
DOBSON**

COMO
LIDAR COM
A TEIMOSIA
DE SEU FILHO

UNITED PRESS 
um selo editorial heugnius

©1978 by James Dobson
Publicado por *Tyndale House
Publishers, Inc.*

Título original
Temper Your child's tantrums

Tradução
Rubens Castilho

Revisão
*Maria Cândida Becker
João Guimarães
Josemar de Souza Pinto*
(nova edição)

Capa
Rafael Brum

Diagramação
Sonia Peticov

Gerente editorial
Juan Carlos Martinez

1ª edição – 1998
2ª edição – 2020

Coordenador de produção
Mauro W. Terrengui

Impressão e acabamento
Imprensa da fé

Todos os direitos desta edição reservados para:
Editora Hagnos
Av. Jacinto Júlio, 27
04815-160 • São Paulo - SP • Tel. Fax: (11) 5668-5668
hagnos@hagnos.com.br • www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057
(Câmara Brasileira do Livro – CBL)

Dobson, James

Como lidar com a teimosia de seu filho/ James Dobson; Traduzido por Rubens Castilho. — São Paulo, Hagnos, 2020

Título original: *Temper Your Child's Tantrums*

ISBN 978-85-243-0567-2

1. Crianças — Criação 2. Disciplina infantil 3. Pais e filhos I. Título

98-2602

CDD-649.64

Índices para catálogo sistemático:

1. Crianças: Disciplina: Educação doméstica 649.64
2. Disciplina infantil: Educação doméstica 549.64



Sumário

<i>Introdução: Todo pai ou mãe precisa de uma estratégia</i>	7
1. A batalha das vontades	13
2. Corrigir ou não corrigir?	33
3. Passos para a disciplina em cada idade	47
4. O espírito frágil de seu filho	85
5. O erro comum e como evitá-lo	101
6. Por que os profissionais nem sempre sabem o que é melhor	121
<i>Perguntas e respostas</i>	129
<i>Referências bibliográficas</i>	139

Introdução

Todo pai ou mãe precisa de uma ESTRATÉGIA

Uma mulher com sete filhos irrequietos entrou em um ônibus e ocupou um assento atrás de mim. Seu cabelo estava todo despenteado, e sua aparência desolada revelava um estado de total exaustão. Enquanto ela cambaleava com sua tropa agitada, perguntei-lhe: — Todas essas crianças são suas ou se trata de algum tipo de piquenique?

Olhando para mim com seus olhos fundos, ela disse: — São todos meus e, acredite em mim, não é *nenhum* piquenique!

Sorri para mim mesmo, entendendo plenamente o que ela quis dizer. As crianças pequenas têm uma capacidade fantástica de atingir o sistema nervoso de um adulto. Elas geralmente são ruidosas e aprontam confusões incríveis, brigam

entre si, deixam o nariz escorrer, esperneiam, berram e têm mais energia em seus gordos dedinhos do que a mamãe em todo o seu corpo cansado.

A PATERNIDADE É MAIS DIFÍCIL DO QUE PARECE

Não há dúvida quanto a isto: os filhos são pequenas pessoas dispendiosas. Para serem criados devidamente, requerem o *máximo* que você pode dar de seu tempo, esforço e recursos financeiros.

Entretanto, para aqueles que nunca experimentaram a paternidade, a tarefa pode parecer ridiculamente simples. Tais pessoas me fazem lembrar de um homem que observava um jogo de golfe pela primeira vez e imaginava: “Isto parece fácil. Tudo o que você tem a fazer é acertar aquela bolinha branca e mandá-la para longe em direção àquela bandeira”. Então ele se dirigiu ao montículo de terra sobre o qual estava colocada a bola, ergueu o taco para trás de seu tronco e fez a *bolinha branca* sair saltando a uma distância de menos de três metros à esquerda. Conseqüentemente, devo advertir àqueles que ainda não assumiram as responsabilidades da paternidade que o jogo de educar filhos é mais difícil do que parece. A paternidade é custosa e complexa.

Então eu estaria sugerindo que os casais recém-casados não devem ter filhos?

Certamente que não. O casal que ama crianças e deseja experimentar a emoção de procriar não deve amedrontar-se ante o desafio da paternidade. Falando de minha própria perspectiva como pai, nunca houve momento mais emocionante

em minha vida do que olhar atentamente nos olhos de minha filha recém-nascida e cinco anos mais tarde nos olhos de meu filhinho.

O que pode haver de mais estimulante do que olhar para aqueles pequeninos seres humanos começando a desabrochar, a crescer, a aprender e a amar?

Que recompensa mais significativa pode haver do que estar sentado diante da lareira com meu filho ou filha em meu colo, abraçando meu pescoço e sussurrando: “Eu amo você, papai”.

Oh, sim, *filhos custam caro, mas valem o preço*. Além disso, nada que tem valor é barato.

EM BUSCA DE UM RUMO

Muitas frustrações da paternidade ocorrem porque não temos nenhum modelo ou *estratégia* bem planejada para seguir quando aparecerem as inevitáveis circunstâncias que se desdobram. Então, quando os problemas previsíveis e rotineiros acontecem, você se arrisca, ao acaso, por meio de acertos e erros nas tentativas.

Os pais que seguem esse rumo me fazem lembrar de um amigo que voava em seu avião monomotor em direção a um pequeno aeroporto na zona rural. Ele chegou ao destino quando o sol se punha atrás de uma montanha e, enquanto colocava o avião em posição de aterrissagem, não podia ver o complicado campo de pouso logo abaixo. Ele não dispunha de luzes em seu avião, e ninguém estava de plantão no aeroporto.

Ele rodeou a pista em outra tentativa para pousar, mas a escuridão tornou-se ainda mais impenetrável. Durante duas horas, ele voou com seu avião, dando voltas na escuridão da

noite, sabendo que caminhava para a morte certa quando seu combustível se esgotasse.

Então, quando o pânico tomou conta dele, aconteceu um milagre. Alguém lá embaixo ouviu o ronco contínuo de seu motor e percebeu o apuro do piloto. Aquele homem misericordioso colocou seu carro na pista de pouso, foi para a frente e para trás para mostrar ao meu amigo a localização da faixa de pouso, em seguida parou na extremidade da pista e deixou as luzes de seu carro acesas, iluminando a pista enquanto o avião pousava.

Penso nessa história toda vez que aterrisso à noite em um avião comercial. Quando olho adiante, posso ver as luzes verdes às margens da pista, indicando ao piloto para onde levar seu avião. Se ele se mantiver entre aqueles limites sinalizados pelas lâmpadas, tudo irá bem. Há segurança na zona iluminada, porém o desastre reside à esquerda ou à direita.

Não é disso que necessitamos como pais? Deve haver limites claramente marcados que nos digam para onde direcionar o caminho da família. Precisamos de algumas *diretrizes* que nos ajudem a criar nossos filhos em segurança e com saúde.

ESPERANÇA PARA A CRIANÇA VOLUNTARIOSAMENTE

Meu propósito ao escrever este livro é proporcionar alguns esclarecimentos que contribuam para a paternidade competente. Vamos tratar particularmente do aspecto da disciplina no que se refere à criança voluntariosa. A maioria dos pais tem pelo menos um filho, que parece ter nascido com a clara ideia de como ele deseja que o mundo seja conduzido e

uma intolerância por todos os que discordam dele. Mesmo na infância, ele se irrita toda vez que sua comida atrasa e insiste em que alguém o tire do berço quando ele acorda. Mais adiante, durante a idade de um a três anos, ele declara guerra total a todas as formas de autoridade, em casa ou fora dela. Sua maior emoção é desenhar nas paredes, jogar gatinhos na privada e apertar a descarga. Seus pais são frequentemente pessoas frustradas, dominadas pelo sentimento de culpa, que vivem indagando onde foi que erraram e por que a vida de seu lar é tão diferente do que eles esperavam.

Vamos investigar essa criança impulsiva durante seu crescimento, progressivamente: a fase de um a três anos, os anos da pré-escola, o período do primeiro grau e também a fase da pré-adolescência. Minha firme convicção é que a criança voluntariosa geralmente possui mais potencial criativo e mais força de caráter do que seus irmãos complacentes, porém isso só se desenvolverá se seus pais canalizarem seus impulsos e tiverem controle de sua vontade turbulenta. O que escrevo é dedicado a esse propósito.

Em resumo, este livro destina-se a prover conselhos e sugestões *práticas* aos pais que podem estar enfrentando esses desafios mais difíceis sem um plano ou uma preparação prévia. Se fui bem-sucedido, esta nossa conversa pode oferecer uma pista iluminada para os pilotos que voam em círculos com o avião em uma noite escura.



A batalha das VONTADES

Da família Dobson fazem parte: uma mãe, um pai, um menino e uma menina, um *hamster*, um periquito, um solitário peixe dourado e dois gatos irremediavelmente neuróticos. Vivemos em relativa harmonia com um mínimo de brigas e discussões.

Contudo, há outro membro de nossa *família*, que não é tão parecido com os outros e pouco colaborador. É um cão bassê de cinco quilos e meio chamado Sigmund Freud (Siggie), que na verdade se considera dono do lugar. Já me disseram que os bassês tendem de certo modo a ser independentes, mas Siggie é, de fato, um incorrigível revolucionário. Ele não é apenas desobediente; ele quer dirigir tudo, e nós dois temos nos envolvido em uma luta de poder nos últimos doze anos.

Siggie não é apenas obstinado; ele não faz sua parte na família. Não traz o jornal nas manhãs frias, recusa-se a *correr*

atrás da bola para as crianças, não mantém os roedores fora do jardim e não faz qualquer uma das *gracinhas* que a maioria dos cachorros aprende. É uma lástima, mas *Siggie* se recusou a participar de qualquer treinamento de autodesenvolvimento que comecei em seu benefício. Ele se dá por satisfeito apenas em andar daqui para lá, cheirando os postes, molhando-os e parando para cheirar rosas.

Além disso, Sigmund não é nem mesmo um bom cão de guarda. Essa suspeita foi confirmada em uma noite em que recebemos a visita de um ladrão que tinha entrado em nosso quintal às três horas da manhã. Acordei de repente de um sono profundo, levantei-me da cama e caminhei pela casa sem acender as luzes. Eu sabia que havia alguém no quintal, e Siggie também sabia disso, porque o pequeno covarde estava agachado atrás de mim!

Senti meu coração pulsar mais forte por uns minutos, caminhei pelo corredor até o fundo e coloquei a mão na maçaneta da porta de acesso ao quintal da casa. Naquele momento, o portão do quintal, quase sem barulho, foi aberto e fechado. Alguém esteve a um metro de mim e esse *alguém* estava agora fazendo alguma coisa em minha garagem.

Siggie e eu tivemos uma curta conversa na escuridão e decidimos que ele devia ser quem ia investigar o que se passava. Abri a porta dos fundos e disse ao cachorro para atacar, mas Siggie ficou parado! Ficou ali soluçando e tremendo tanto que quase não pude puxá-lo de volta para o corredor. Com o ruído e a confusão que se seguiram, o intruso escapou (para alívio tanto do cachorro como do homem).

QUEM É O CHEFE?

Por favor, não me entenda mal. Siggie é parte da nossa família, e nós temos muito carinho por ele. Apesar de seu temperamento anárquico, conseguimos finalmente que ele obedecesse a umas poucas e simples ordens. Entretanto, tivemos algumas batalhas *homéricas* antes que ele se sujeitasse com relutância à minha autoridade.

A maior confrontação aconteceu há alguns anos, quando estive em Miami durante três dias de conferência. Ao retornar, observei que Siggie tinha se tornado em minha ausência o chefe da casa. Mas só percebi mais tarde naquele dia quão drasticamente ele se apossou de sua nova posição.

Às onze horas daquela noite, ordenei a Siggie que fosse para sua cama, em um canto permanente da sala de estar. Durante seis anos, eu lhe tinha dado essa ordem a cada final da noite, e durante seis anos ele tinha obedecido.

Nessa ocasião, contudo, ele recusou-se a se mexer. Veja só, ele estava no banheiro, sentado confortavelmente sobre a tampa macia do vaso sanitário. Esse é o seu lugar favorito na casa, porque ali ele se permite desfrutar do calor de um aquecedor elétrico. (Siggie teve que passar por um duro aprendizado extremamente importante, que foi entender que a tampa deveria estar abaixada *antes que* ele pulasse do chão para cima dela. Nunca vou esquecer a noite em que ele aprendeu essa lição. Ele disparou ruidosamente fugindo do frio, saltou e mergulhou na bacia destampada, quase se afogando antes que eu o tirasse dali.)

Quando ordenei a Sigmund que saísse de seu assento quentinho e fosse para sua cama, ele levantou as orelhas e

lentamente voltou a cabeça em minha direção. Deliberadamente ele tomou uma atitude ofensiva quando colocou as patas nas bordas da tampa e, com o apoio de seus ombros, levantou o focinho, arreganhou os dentes e rosnou ameaçadoramente. Esse era o modo de Siggie dizer: “Fora daqui!” Eu já conhecia esse desafiante mau humor e sabia que havia somente um jeito de lidar com ele. A *única* coisa a fazer, para que Siggie obedecesse, era ameaçá-lo com violência.

Nenhuma outra coisa funcionava. Voltei-me e fui até o guarda-roupa pegar uma cinta curta para me ajudar a lidar com o sr. Freud. Minha esposa, que estava assistindo o desenrolar desse drama, me disse que, assim que eu saí do banheiro, Siggie pulou de seu posto predileto e ficou olhando no corredor aonde eu tinha ido. Em seguida, ele se protegeu atrás dela e rosnou.

Quando retornei, levantei a cinta e novamente ordenei a meu cão irado que fosse para a cama. Ele se manteve firme, por isso dei-lhe uma cintada no traseiro, e ele tentou morder a cinta. Bati de novo nele, e tentou *me* morder.

O que aconteceu em seguida é difícil de narrar. Aquele cãozinho e eu tivemos a luta mais feroz jamais encenada entre um homem e um animal. Briguei com ele por toda a casa, em meio a arranhões, unhas, rosnadas e cintadas. Sinto-me desconcertado diante da lembrança de toda aquela cena. Centímetro a centímetro, empurrei-o em direção ao seu canto e à sua cama na sala de estar. Como uma última manobra desesperada, Siggie pulou na almofada e se pôs contra o canto da parede, para uma última rosnada. Finalmente consegui que ele ficasse em sua cama, mas apenas porque eram noventa quilos de peso contra cinco e meio.

Na noite seguinte, esperei por outra cena de cerco e de luta no horário de dormir. Para minha surpresa, porém, Siggie aceitou minha ordem sem oposição ou queixa e simplesmente foi até o seu cantinho, em silêncio e submissão. Na verdade, essa luta ocorreu há mais de quatro anos, e desde então Siggie nunca mais repetiu a mesma atitude.

Fica claro para mim agora o que Siggie estava dizendo de seu jeito canino: “Não acho que você seja tão durão para me fazer obedecer”. Talvez eu pareça estar humanizando o comportamento de um cachorro, mas acho que não. Os veterinários confirmam que algumas raças de cães, notadamente o bassê e o pastor, não aceitam a liderança de seus donos até que a autoridade humana passe pelo teste de fogo e comprove sua validade.

Este não é um livro sobre disciplina de cachorros, porém há em minha história um importante princípio moral altamente relevante para o mundo infantil. *Do mesmo modo que um cão ocasionalmente desafia a autoridade de seus donos, assim é a criança pequena, apenas um pouco mais difícil.*

Esta não é uma afirmação sem importância, pois é a representação de uma característica da natureza humana, que raramente é reconhecida (ou admitida) pelos *especialistas* que escrevem livros sobre a questão da disciplina. Preciso ainda encontrar um texto para pais ou professores que confirme a luta, a desgastante confrontação de vontades, que muitos pais e professores experimentam costumeiramente com as crianças. A liderança adulta raramente é aceita sem desafio pela geração seguinte. Ela deve ser *testada* e considerada digna de ser seguida pelos pequeninos que são instruídos a ceder e a submeter-se à sua orientação.

POR QUE AS CRIANÇAS DESAFIAM A AUTORIDADE

Por que as crianças são tão teimosas? Todos sabemos que elas são amantes da justiça, da lei, da ordem e dos limites seguros. O escritor da carta aos Hebreus chegou a dizer que uma criança indisciplinada assemelha-se a um filho ilegítimo, nem mesmo pertencente à família. Por que, então, os pais não podem resolver todos os conflitos por meio de conversas e explicações tranquilas e tapinhas amistosos no ombro?

Encontramos a resposta no curioso sistema de valores das crianças, que respeita a força e a coragem (quando associadas ao amor). Que explicação melhor pode ser dada para a popularidade dos míticos Super-Homem, Capitão Marvel e a Mulher Maravilha no folclore das crianças? Por que as crianças proclamam: “Meu pai pode bater no seu pai!”? (Uma criança respondeu a esta afirmação: “Isso não é nada. Minha mãe também pode bater em meu pai!”).

UMA HIERARQUIA DA FORÇA

Veja bem, meninos e meninas se preocupam com a questão de *quem é mais forte*. Toda vez que um garotinho se muda para um novo bairro ou para uma nova escola, ele geralmente tem que lutar (seja verbal, seja fisicamente) para se entrosar na hierarquia da força. Qualquer um entende que as crianças sabem que há em cada grupo um cão pastor alemão por cima e um cachorrinho lulu espezinhado na base do grupo. Cada criança entre os dois extremos sabe onde ela se posiciona em relação às outras.

Recentemente minha esposa e eu tivemos a oportunidade de observar essa hierarquia social vir à tona. Convidamos catorze meninas da quinta série, colegas de nossa filha, para virem a nossa casa para uma noite de bate-papo e dormirem juntas. Foi um gesto educado, mas posso dizer-lhe com sinceridade que nunca mais faremos isso. Foi uma noite exaustiva, sem dormir, cheia de risadinhas, agitação, pulinhos e sustos. No entanto, foi também uma noite muito interessante do ponto de vista social.

As meninas começaram a chegar às cinco horas da tarde na sexta-feira, e seus pais vieram apanhá-las às onze horas da manhã do sábado. Encontrei a maioria deles pela primeira vez naquele fim de semana, porém durante aquelas dezessete horas com elas senti-me capaz de identificar a posição de cada criança na hierarquia do respeito e da força.

Havia uma abelha-mestra que era a chefe do grupo. Todas queriam fazer o que ela sugeria, e seus gracejos causavam gargalhadas ruidosas. Depois, a uns poucos degraus abaixo dela havia a princesa número dois, seguida pela três, quatro e cinco. No fim da lista estava uma garotinha maltratada, que era alienada e rejeitada por todo o rebanho. Seus gracejos foram tão talentosos (penso) como os da líder; no entanto, ninguém ria quando ela fazia graça. Suas ideias de um jogo ou de uma brincadeira eram imediatamente rejeitadas como estúpidas ou tolas. Eu me vi de repente defendendo essa menina isolada por causa da injustiça de sua situação. Infelizmente, há um discriminado ou perdedor em cada grupo de três ou mais crianças (de ambos os sexos). Isso faz parte da natureza da infância.

Esse respeito pela força e pela coragem também faz com que as crianças desejem saber quão *valentes* são seus líderes.

As crianças
querem saber
quão “**valentes**”
são seus **líderes**.

Elas ocasionalmente irão desobedecer às instruções paternas com o preciso propósito de testar a determinação daqueles que detêm o comando. Assim, quer você seja pai, avô, líder de escoteiros, quer motorista de ônibus ou professor, posso garantir que mais cedo ou mais tarde um de seus filhos ou uma criança sob sua autoridade vai bater seu pequeno pé e desafiar sua liderança. Como Siggie na hora de dormir, ela vai transmitir este recado ao mostrar sua maneira desobediente: “Não acho que você seja tão valente assim para me obrigar a fazer o que manda”.

OS JOGOS DAS CRIANÇAS

Esse jogo desafiador, que eu chamo de *Desafie o chefe*, pode ser praticado com surpreendente habilidade por crianças bem novas. Recentemente um pai me disse que levou sua filha de três anos a um jogo de basquete. A menina estava, naturalmente, interessada em tudo o que via no ginásio, menos no próprio jogo.

O pai permitiu que ela passeasse e subisse os degraus da arquibancada, porém determinou os limites até onde ela podia chegar. Ele pegou em sua mãozinha e caminhou com ela pelo ginásio até uma faixa pintada no solo. “Você pode brincar em toda parte, Jane, mas não passe desta faixa”, advertiu ele.

O pai ainda não tinha chegado ao seu assento e a garotinha correu na direção do território proibido. Ela parou ao lado da faixa por um momento, em seguida disparou um sorriso maroto por sobre o ombro para o pai e deliberadamente colocou o pé em cima da faixa, como que dizendo: “E agora, o que